

# LEITURAS DE UM TEMPO PERDIDO: O LEITOR FRAGMENTADO DO MUNDO VIRTUAL<sup>1</sup>

*READINGS OF A LOST TIME: THE FRAGMENTED READER  
VIRTUAL WORLD*

Ana Júlia Poletto\*  
João Claudio Arendt\*\*

**RESUMO:** As novas tecnologias trazem novas formas de ler e escrever o mundo. O presente ensaio navega por alguns *sites* e percorre páginas antigas, impressas, em busca de um diálogo entre dois tempos de leitura: o do leitor que mansamente percorre o papel, e o do leitor que abre e fecha janelas. Um em busca de prazer, o outro, de informação. Seguem, assim, algumas considerações sobre a literatura de holofotes, de textos coletivos e a busca de formas para cativar leitores cada vez mais velozes e fragmentados.

**Palavras-chave:** Literatura digital; Minicontos; Leitura; Percepção tecnológica.

**ABSTRACT:** The new technologies bring new forms of to read and to write the world. The present rehearsal navigates for some sites and it travels old pages, printed, in search of a dialogue among two times of reading: the one of the reader that gently travels the paper, and the one of the reader that opens and he/she closes windows. One in search of pleasure, the other, of information. They proceed, like this, some considerations on the literature of spotlights, of collective texts and the search in ways to capture readers more and more fast and fragmented.

**Keywords:** Digital literature; Microfiction; Reading; Technological perception.

*Dois textos, dois leitores*

*“Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido”.*

*(Marcel Proust)*

<sup>1</sup> A partir desse ensaio foi criado o blog <http://leiturasfantasmagoricas.blogspot.com.br>, com o intuito de criar uma versão digital (não digitalizada) das ideias aqui propostas. Se for do seu interesse, visite o endereço. Uma leitura não exclui a outra.

\* najupo@gmail.com, Doutoranda do PPGLetras da UCS – RS.

\*\* jarendt@ucs.br, UCS - RS; Pós-Doutor pela Universidade de Berlim.

“A mosca  
No fundo do ônibus, no banheiro,  
este micropassageiro ilegal, a caminho de Boston.”  
(Lydia Davis)

Não há como fugir da ideia de imediatismo que marca nosso tempo. Tudo deve ser rápido: cento e quarenta caracteres<sup>2</sup>, textos que se atualizam num clicar de tecla, num piscar de olhos, num abrir e fechar de janelas. A proposta deste ensaio é um diálogo entre a leitura lenta, pelo prazer do texto, e a leitura vertiginosa em busca do sempre novo. Através desses dois tempos leitores, quer-se traçar uma possível forma de atrair os leitores virtuais para a leitura “antiga”, a forma arcaica de percorrer um texto sem se preocupar com o tempo da leitura. As referências e intervenções criadas ao longo do texto transitam em diversos percursos: *sites* visitados, citações esparsas, texto contínuo e notas de rodapé. É proposital esta saturação, uma segunda janela com outro texto se desenvolvendo no rodapé. Algo próximo ao excesso que caracteriza a tela e a velocidade que o mundo virtual<sup>3</sup> passa a nós, leitores. Se este ensaio não segue uma formatação acadêmica tradicional, é porque tenta recriar esse ambiente de diálogos, diários, monólogos e fontes que se entrecruzam, formando um emaranhado de citações, uma leitura epigráfica. A epígrafe como precursora, como início de uma leitura mais ampla?

Escolhemos algumas experiências digitais e alguns textos em papel, tal qual o pensamento de Walter Benjamin, que, ao analisar a indústria cultural do século XIX, vislumbrou a fragmentação de ideias e a perda da “aura” como constantes da cultura de massas:

Fazer as coisas ‘ficarem mais próximas’ é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através da sua reprodutibilidade. (...) Retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar ‘o semelhante no mundo’ é tão aguda, que graças à reprodução ela consegue captá-lo até no fenômeno único (BENJAMIN, 1994, p. 170)

No mundo virtual<sup>4</sup> não se fala em aura. Mas talvez no diálogo da filósofa norte-americana, Susan Buck-Morss, com o projeto benjaminiano inacabado, *Passagen-Werk* (O livro das passagens), consiga-se demonstrar como essa fragmentação de tex-

<sup>2</sup> Quem utiliza o Twitter (<https://twitter.com/>) deve escrever suas mensagens com 140 caracteres. Atualmente, existem diversos programas utilizados para tuitar, ou twittar, sem preocupação com a quantidade de caracteres das postagens. Exemplos: <http://twishort.com/> ou <http://twitlonger.com/>. Entenda-se “virtual” como:

<sup>3</sup> adj. Que não se realizou, mas é suscetível de realizar-se; potencial. Física. Imagem virtual, aquela cujos pontos se encontram no prolongamento dos raios luminosos que emergem de um sistema óptico. Realidade virtual, simulação de um ambiente real por meio de imagens de síntese tridimensionais. <http://www.dicio.com.br/virtual/>.

<sup>4</sup> Alguns mundos virtuais são criados como uma “segunda vida” em forma de jogo, redes sociais ou apenas interação entre as pessoas. A “second life” contrapõe-se à “real life”, e cada pessoa pode criar a vida que quer para si. “Seu mundo. Sua imaginação”. <http://secondlife.com/>

tos, ideias e pensamentos influencia uma nova forma de ver/sentir/pensar o mundo, e como a leitura é construída, bem como ela própria constrói o sujeito tecnológico. Os leitores de telas sentem e pensam o texto de que forma?

Existem diversas pesquisas sobre como a leitura mudou na era digital, como as pessoas têm a informação ao alcance da mão, e todas as facilidades de pesquisa e buscas que existem no ato de googlear das novas gerações. Mas será a velocidade sinônimo de qualidade? Dizem os especialistas que as novas gerações escrevem mais, leem mais, mesmo que não os clássicos. Escrevem mais o quê? As redes sociais estão repletas de “diários”, os blogs<sup>5</sup> são uma constante para quem deseja escrever, relatar, divulgar ou apenas compartilhar pensamentos. E, nesse espaço virtual, a palavra de ordem é velocidade. Os textos devem ser curtos, as ideias velozes devem percorrer países e pessoas com a mesma rapidez de um gesto. As diversas janelas abertas simultaneamente no computador, notebook, laptop, tablet, iPad, ou qualquer outra tecnologia que tenha sido lançada nas últimas horas, ampliam (ou reduzem?) o espaço-tempo de todos os navegadores dessa máquina do tempo que é a internet. Podem-se pesquisar jornais antigos<sup>6</sup>, obras raras<sup>7</sup>, museus<sup>8</sup> e cidades<sup>9</sup>. Adentra-se em bibliotecas<sup>10</sup> do mundo inteiro e blogs<sup>11</sup> de línguas que desconhecemos. Mas aonde nos leva essa velocidade? A profusão de informações, “conhecimento” e atualidade, realmente penetra alguma camada de nosso ser? Nossas fronteiras permeáveis assimilam ou apenas absorvem sem questionamento ou aprofundamento?

Há dúvidas quanto à qualidade dessa rapidez toda. Não somos contra tecnologias, e admitimos que o “internetês” auxilia quando desejamos passar informações rápidas com o mínimo esforço. Em determinados espaços e em diversas situações, a leitura veloz se faz necessária. Mas também é preciso desacelerar e reaprender a percorrer uma leitura sem relógio, não por “estar conectado”, mas apenas por prazer. Prazer de perder-se no tempo. Esse mesmo tempo que todos desejam não perder, essas informações atualizadas de minuto a minuto fazem alguma diferença no nosso íntimo, como leitores e como escritores? Aos que escrevem, mesmo nos ambientes virtuais, o conhecimento da escrita passa pelo caminho da leitura, e não apenas leitura superficial, mas aquela que conhece a palavra escrita em suas profundezas e em seus prazeres lentos e demorados. Uma das epígrafes deste ensaio traz Proust, não com seus sete volumes de “Em busca do tempo perdido” e suas frases de fôlego interminável, seus parágrafos de páginas contínuas, mas o texto “Sobre a Leitura”, no qual o autor mostra a sua relação

<sup>5</sup> Blogs são diferentes de diários: “A principal distinção entre diários e blogs os opõe de maneira inconciliável. Diários pessoais se voltam para o intrapessoal, têm como destinatário o próprio autor. Blogs, por outro lado, visam o interpessoal, o grupal” (PRIMO, 2008, p. 122- grifo nosso).

<sup>6</sup> Pesquisar na biblioteca nacional <[http://www.bn.br/portal/index.jsp?nu\\_pagina=113](http://www.bn.br/portal/index.jsp?nu_pagina=113)> ou procurar as

<sup>7</sup> <<http://www.obrasraras.usp.br/>>. Podem-se visitar os grandes museus espalhados pelo mundo:

<sup>8</sup> <<http://www.that.com.br/pn/museus.htm>> E dos museus se chega às cidades,

<sup>9</sup> <<http://www.paris.fr/>> e suas bibliotecas:

<sup>10</sup> <<http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/ligacoes/sitios-de-interesse1/bibliotecas/bibliotecas-nacionais-do-mundo>> para, ao fim, voltar ao ambiente intimista dos blogs:

<sup>11</sup> <<http://mascarachicote.blogspot.com.br/>>.

com o ato da leitura, quase ritualística; e a outra epígrafe é de Lydia Davis (2013) com seus microcontos, suspiros de sensações, sustos de pensamentos.

## O MANIFESTO

No mundo digital, resolvemos acessar uma janela (que depois acessará outras tantas) pelos seguintes motivos: por apresentar os dois enfoques que gostaríamos de debater no presente ensaio, propostas de leitor e escritor, ambos neste mundo digital. A leitura e a escrita dentro do que se conhece como Literatura Digital. Para tanto, o manifesto Digi-Brasil:

1. “A Literatura Digital é aquela obra literária feita especialmente para mídias digitais, impossível de ser publicada em papel;
2. A Literatura Digital busca criar uma nova experiência de leitura para o usuário;
3. A Literatura Digital requer um novo tipo de texto e de autor;
4. Por Literatura entende-se a arte da palavra; portanto, um projeto de literatura digital deve conter texto. Não ser um projeto de literatura digital não é ser melhor ou pior, apenas outra coisa, como vídeo-arte;
5. A Literatura Digital é um novo gênero literário, não substituindo os gêneros da literatura tradicional em papel ou e-book;
6. A Literatura Digital pode ser multimídia, hipertextual, colaborativa, etc, mas não é necessário que todos os recursos sejam usados simultaneamente;
7. A Literatura Digital pode ser encarada como uma ferramenta para incentivar a leitura em ambientes digitais. Não queremos que um usuário largue um livro para ler literatura digital, e sim que ele largue por 10 minutos seus joguinhos ou redes sociais e leia um projeto de literatura digital;
8. Livro digital não é livro digitalizado – confundi-los seria o mesmo que filmar uma peça de teatro e chamar isso de cinema;
9. A Literatura Digital é uma atividade lúdica, mas não é um jogo, pois num jogo o “objetivo principal é antes de mais nada e principalmente a vitória” (vide *Homo Ludens*, de Huizinga);
10. Substitui-se aqui o conceito de livro pelo conceito de obra, entendido como “um objeto dotado de propriedades estruturais definidas, que permitam, mas coordenando-os, o revezamento das interpretações, o deslocar-se das perspectivas” (vide *Obra Aberta*, de Umberto Eco)<sup>12</sup>.

As novas tecnologias modificaram a literatura, e muitos leitores adaptaram-se a nesse novo contexto. Em nenhum lugar dos dez itens do Manifesto, foi citado o termo “leitor” e, sim, “usuário”. Presume-se que a pessoa que consome a literatura digital não seja propriamente um leitor no sentido convencional da palavra, e sim um usuário. E

<sup>12</sup> Usuários X leitores, em < <http://www.literaturadigital.com.br/> >, grifos nossos. São necessárias instruções para a leitura em alguns ambientes, como em

usuários são pessoas que devem conhecer a ferramenta que utilizam, os meios tecnológicos e, em alguns casos, até mesmo as “instruções de leitura”<sup>13</sup>. Há que se criar alguma outra terminologia para essas pessoas que são leitoras-usuárias do mundo virtual, onde o que se lê não se pode imprimir, nesse tempo que corre solto, nesse olhar que percorre as janelas indiscretamente (e indiscriminadamente), essa pessoa real que está à frente de um mundo “intocável”, nesse espaço lúdico da distração.

Existem, hoje, diversos espaços de debate sobre a referida literatura digital<sup>14</sup> e as formas de difusão do livro, e, conseqüentemente, da leitura nessa nova forma de *e-books*. Antes, faz-se necessário diferenciar literatura digital de *e-books*:

O conceito consagrado de *e-book* atual é um livro digitalizado. Ou seja, tem as mesmas características de um livro em papel (em geral é o mesmo texto do livro em papel), mas vendido, distribuído e lido em uma mídia digital. Já um projeto de literatura digital requer a mídia digital para ser lido, não seria possível ler um ciberpoema no papel, por exemplo. Dessa forma, o *e-book* é um concorrente do livro, mas falando aqui de plataformas, não de gêneros literários. O romance, o conto e o poema podem existir no livro em papel ou no livro eletrônico, *e-book*<sup>15</sup>.

Acostumar-se à tela e não à página, ao visual e não ao tato, aos vídeos e não ao olfato é tarefa árdua para as gerações que não nasceram com um *tablet* em mãos. A velocidade com que se compra um livro, o compartilhamento e os fóruns de debate de uma determinada obra, a distribuição vertiginosa de uma novidade, de uma febre literária, tudo isso em segundos: um clique, um arquivo baixado, um peso a menos a ser carregado na mochila, nos braços. As novas gerações parecem nunca ter tempo para nada, abrem e fecham janelas desenfreadamente, buscando a velocidade de cliques que parecem não ter limites, e suas leituras devem acompanhar esse tempo que escoia em *bits*, músicas para baixar, *pixels* para olhar e frases a compartilhar. Não escolhem entre capa dura ou edição de bolso, mas se pdf ou epub (no caso dos *e-books* ou *iBooks*), ou os trabalhos do ELO<sup>16</sup>.

Ao contrário do cinema, o livro demorou muito para saltar das páginas às telas. Com seus seis mil anos de história, desde as placas de barro, pedras esculpidas ou pergaminhos, ou livros costurados (edições únicas ou particulares, sob encomenda), até os nossos dias, com *tablets* e *notebooks*, séculos se passaram. Mesmo que sejam linguagens bem diferentes, a tecnologia de imagem desde a apresentação do cinematógrafo dos irmãos Lumière, em 1895, até os efeitos especiais, sessões em três dimensões, com todos os efeitos sensoriais que podem nos causar, pouco mais de um século se passou. Diferentemente do cinema, que busca levar o telespectador para dentro da cena, com todos os seus sentidos alertas, seja por movimentos de cadeira ou óculos ilusórios, o livro tem o seu maior poder no ato silencioso e solitário da leitura. Olhos fechados

<sup>13</sup> [http://collection.eliterature.org/2/works/torres\\_poemas\\_no\\_meio/caminho1.html](http://collection.eliterature.org/2/works/torres_poemas_no_meio/caminho1.html).

<sup>14</sup> Assim como existe o e-mail, há também a e-literatura: <http://eliterature.org/>.

<sup>15</sup> E nestas e-literaturas, os *e-books* são seus objetos impalpáveis, <http://www.literaturadigital.com.br/?pg=25018#4>.

<sup>16</sup> E para além dos *e-books*, surgem os ambientes nos quais os textos têm outra existência: <http://eliterature.org/>

para se deliciar com uma passagem marcante, o aproximar-se das páginas entreabertas para sentir o cheiro do tempo que passou ou da novidade escancarada; o toque das mãos na tez envelhecida das páginas de um livro difícil de encontrar, ou, até mesmo, as anotações nas margens, de um leitor anterior, que dialoga conosco e nos traz uma outra leitura. Tudo isso, hoje, parece ser vivenciado por meio múltiplas tecnologias e de uma estética<sup>17</sup> específica. Ou seria anestésica?

A percepção torna-se experiência apenas quando se conecta com memórias sensoriais do passado; mas o 'olho defensivo' que rechaça as impressões, 'não se entrega a devaneios acerca de coisas remotas'. Ser defraudado da experiência tornou-se o estado geral, sendo o sistema sinestético dirigido a esquivar-se aos estímulos tecnológicos, de maneira a proteger tanto o corpo do trauma de acidentes como a psique do trauma do choque perceptual. Como resultado, o sistema inverte o seu papel. O seu objetivo é *entorpecer* o organismo, insensibilizar os sentidos, reprimir a memória: o sistema cognitivo da sinestésica tornou-se, antes, um sistema de anestésica (BUCK-MORSS, 1996, p. 24)

Se a tela do cinema pode ser considerada como “prótese da percepção” (BUCK-MORSS, 2009), até mesmo do olhar, a literatura digital seria uma prótese do pensar? A leitura vertiginosa, sem tempo, leitura fracionada de janela em janela, mosaico de letras? O excesso não oblitera o pensamento?

O leitor do mundo virtual procura ganhar tempo, pois suas leituras devem ter alguma “intenção” (ser úteis para alguma coisa – nada mais coerente no mundo de hoje), então, textos já indicados por outros leitores, textos de fácil acesso e informações que estejam em voga são os mais procurados. Em se falando de literatura, como entretenimento ou prazer, os romances de aventura que encabeçam a lista de mais vendidos no mundo todo demonstram que a busca é por livros que sejam de leitura fácil, histórias divertidas, emocionantes e intensas. A linguagem cinematográfica está presente nesses livros *best-sellers*, e a grande maioria é transformada em filme, seriados, ou o filme é lançado para depois se transformar em livro. Os leitores parecem querer uma leitura que não exija muita concentração, podendo ser feita em qualquer ambiente mais movimentado, e que, a bem da verdade, não necessita “acrescentar” algo à sua vida, apenas retirá-lo dela e inseri-lo num outro tempo-espço que o faça sentir-se bem. Em *Admirável mundo novo*, Aldous Huxley já fazia do *soma*<sup>18</sup> a felicidade em cápsulas, humanidade que necessitava de uma droga que levasse para um outro espaço, questão de sobrevivência num mundo vazio de significados. Em *Haxixe*<sup>19</sup>, o filósofo alemão Walter Benjamin escreve sobre sua experiência com a droga em forma de relatório, juntamente com Bloch, Joël e Fränkel, confrontando a realidade racional e as experiências fragmentárias do pensamento “descontínuo, incompleto, nômade” benjaminianos. Seja a literatura, a religião ou as drogas, cada ser

<sup>17</sup> Toda essa impalpabilidade cria uma nova percepção, longe da estética em sua concepção primordial: “aistitikos é a palavra grega antiga para aquilo que é ‘perceptivo através do tato’. Aistisis é a experiência sensorial da percepção. O campo original da estética não é a arte mas a realidade – a natureza corpórea, material” (BUCK-MORSS, 1996, p. 12)

<sup>18</sup> Soma é uma droga fictícia, criada em *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Era usada pelos personagens em forma de cápsulas, para nunca ficarem tristes.

<sup>19</sup> Da ficção à realidade: as drogas como solução para o entorpecimento dos sentidos, para a fuga do real.

busca uma forma de ausentar-se de uma realidade nem sempre aceita, para deliciar-se com outros prazeres.

O vício em drogas é característico da modernidade. É o correlato e a contra-partida do choque. O problema social do vício em drogas, contudo, não é equivalente ao problema (neuro)psicológico, já que uma adaptação desprovida de drogas e amortecimentos do choque pode mostrar-se fatal. Mas o problema cognitivo (portanto político) reside alhures (...). A partir do século dezenove, foi produzido um narcótico a partir da própria realidade. (BUCK-MORSS, 1996, p. 27)

Esse narcótico, tecnologia elaborada através da ideia da *fantasmagoria* (conceito desenvolvido mais adiante, janela ainda não aberta), também está presente no mundo virtual, um espaço bastante propício para essa fuga da realidade, pois, numa simples experiência de navegar por alguns sites ou pelas redes sociais, visualizamos infinidade de informações, experiências de pessoas carentes de mostrar-se ao mundo. E, nessa mesma experiência, sentimos que o tempo escoia através da tela com uma velocidade quase invisível: o tempo da tela parece ser outro. O folhear das páginas de um livro parece frear o tempo, ao contrário das janelas abertas que nos mostram um mundo-tempo que voa, e entre minimizar, maximizar, atualizar, nosso tempo deixa de existir. Benjamin, no seu ensaio sobre *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, utiliza-se da análise do cinema para questionar alguns conceitos de arte, aura, e as reações no sistema cognitivo, afetadas pelas novas tecnologias:

Afirma-se que as massas procuram na obra de arte *distração*, enquanto o conhecedor a aborda com *recolhimento*. (...) A distração e o recolhimento representam um contraste que pode ser assim formulado: quem se recolhe diante de uma obra de arte mergulha dentro dela e nela se dissolve, como ocorreu com um pintor chinês, segundo a lenda, ao terminar seu quadro. A massa distraída, pelo contrário, faz a obra de arte mergulhar em si, envolve-a com o ritmo de suas vagas, absorve-a em seu fluxo. (BENJAMIN, 1994, p. 193)

## **LEITORES DE OUTRO TEMPO: PESTANEJAR DE PENSAMENTOS**

*“Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá” (Augusto Monterroso)  
Vargas Llosa (2013), em “A civilização do espetáculo: uma radiografia do  
nosso tempo e da nossa cultura”, analisa a arte, literatura, cinema, drogas,  
memória e os leitores do tempo atual.*

O que quer dizer civilização do espetáculo? É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal. Esse ideal de vida é perfeitamente legítimo, sem dúvida. Só um puritano fanático poderia reprovar os membros de uma sociedade que quisessem dar descontração, relaxamento, humor e diversão a

vidas geralmente enquadradas em rotinas deprimentes e às vezes imbecilizantes. Mas transformar em valor supremo essa propensão natural a divertir-se tem consequências inesperadas: banalização da cultura, generalização da frivolidade e, no campo da informação, a proliferação do jornalismo irresponsável da bisbilhotice e do escândalo (Llosa, 2013, posição 306-312, 11%-12<sup>20</sup>)

A proliferação de uma literatura *light*, e essa pretensa “leveza”<sup>21</sup> sem dificuldades para o leitor criado nas novas perspectivas de leitura, dá-lhe uma falsa impressão de que é “culto, revolucionário, moderno” (LLOSA, 2013, posição 348, 13%). O escritor afirma que quando tudo é cultura, nada é cultura. A cultura passa a ser sinônimo de diversão e, além da literatura divertida, a primazia é da imagem e não das ideias (2013, posição 465, 17%). Ele coloca sobre nós, leitores, um olhar mais crítico a respeito das novas tecnologias, ao mesmo tempo em que questiona o que restará dessa cultura.

A cultura pode ser experimentação e reflexão, pensamento e sonho, paixão e poesia e uma revisão crítica constante e profunda de todas as certezas, convicções, teorias e crenças. Mas não pode afastar-se da vida real, da vida verdadeira, da vida vivida, que nunca é a dos lugares-comuns, do artifício, do sofisma e da brincadeira, sem risco de se desintegrar. Posso parecer pessimista, mas minha impressão é de que, com uma irresponsabilidade tão grande como nosso, irreprimível vocação para a brincadeira e a diversão, fizemos da cultura um daqueles castelos de areia, vistosos mas frágeis, que se desmancham com a primeira ventania. (LLOSA, 2013, posição 825-831, 31%)

Para Llosa, essas formas de cultura são superficiais, passageiras e, quanto mais informados, menos conhecimento os leitores possuem. “Embora muito informados, estamos mais desconectados e distanciados que antes do que ocorre no mundo” (Llosa, 2013, posição 2592, 97%). O novo leitor-usuário lê, comenta, publica, escreve, compartilha e critica, em um só lugar ou em vários; transformou-se em um leitor exibicionista, que foge do espaço de recolhimento e ultrapassa o de distração. A literatura expande seus horizontes junto a um público leitor cada vez mais distante (leia-se, virtual). Daí o questionamento: o escritor de literatura digital deve conhecer literatura ou tecnologias?<sup>22</sup> Mais palavras ou *softwares*? Antes de tudo, ele precisa conhecer o leitor desse novo mundo.

Recolhimento ou distração remetem a uma ideia de *estar em si* (recolhimento) ou *estar em outro* (distração), e podemos traçar um percurso de leitura. Santaella (2004) classifica os leitores em três tipos: imersivo, contemplativo ou fragmentado. Não gostamos muito dessa metáfora aquática que a autora coloca em sua classificação de leitores virtuais. A ideia de mergulho de Benjamin parece mais apropriada, mas ainda preferimos a enumeração que a própria Santaella cita, referindo-se a um texto de Vilém Flusser, sobre três formas de leitura: “o sobrevoar apressado, o farejar desconfiado e o

<sup>20</sup> Esse livro de Llosa foi utilizado no formato de livro digital, leitor digital Kindle, por isso, a formatação para citação é diversa. No Kindle não existem páginas, apenas posições e porcentagens, forma esta conservada neste ensaio.

<sup>21</sup> Llosa discorda da tradução de *light* por leve. Melhor seria, irresponsável e idiota (Llosa, 2013, posição 2509, 94%).

<sup>22</sup> No exemplo já fornecido anteriormente podem-se ver os “recursos utilizados” e os “requisitos técnicos” para a “leitura” do poema, exemplo em [http://collection.eliterature.org/2/works/torres\\_poemas\\_no\\_meio/index.html](http://collection.eliterature.org/2/works/torres_poemas_no_meio/index.html).



desdobrar cuidadoso” (apud SANTAELLA, 2004, p. 176). Essa metáfora aérea encaixa-se melhor no que pensamos a respeito desses novos leitores. O sobrevoar apressado seria a leitura feita nesse mundo virtual; o farejar desconfiado, a leitura benjaminiana da cidade e seus espaços; e o desdobrar cuidadoso seria a leitura usualmente entendida, na metáfora de Santaella, como o meditativo ou contemplativo. A imersão não nos satisfaz, pois parece que as leituras efetuadas no mundo virtual não possuem uma profundidade aquática, parecendo-se mais com o sobrevoar apressado, leitura esvoaçante e fugaz. Por mais que o leitor esteja “imerso” (no sentido de estar compenetrado em ideia fixa – a tela, o mundo virtual), não parece satisfatória a imagem do “mergulho”, mesmo entendendo a inclusão nessa “navegação”.

Essa rede em que o leitor imersivo, como quer Santaella, navega (ou sobrevoa, ziguezagueia, salta de janela em janela), possui realmente uma nova forma de ler, e “a sua sensibilidade perceptiva veio sendo gradativamente preparada pelo leitor dos fragmentos de imagens, sons, textos, setas, cores e luzes, no burburinho da vida urbana” (SANTAELLA, 2004, p. 181). Os fragmentos nos quais Benjamin lia sua história do despertar<sup>23</sup> pressupunham um leitor não científico ou técnico, amador antes de tudo, mas que tivesse uma *dialética do olhar*, um olhar sobre as coisas de forma crítica, despertando. Esse leitor parece ser um leitor *exclusivamente* do mundo virtual, mundo distante e ao mesmo tempo próximo. E talvez a principal diferença entre o leitor desse desdobrar cuidadoso e o leitor de voos apressados seja a memória - a memória portátil que agora todos carregam em *pendrives*, hds externos, *cookies* que armazenam caminhos, trilhas, sites e senhas: ninguém mais precisa memorizar nada, tudo está salvo e com cópia nas nuvens<sup>24</sup>. A falta de memória reduz o espaço do pensar criticamente, pois é no ato de interligar textos e contextos, histórias lidas com vividas, que o pensamento efetua uma crítica e estabelece questionamentos.

Os leitores de memórias portáteis buscam leituras rápidas, informações e literaturas que caibam nesse tempo minúsculo em que se transformou seu espaço. A concisão, a leitura relampejante, *flash* de texto que atravessa a tela antes de uma nova janela se abrir, é o que eles querem. E o miniconto brilha como uma opção para cativar esses leitores “voadores”. Não estamos aqui como leitores de um desdobrar cuidadoso, antes como ensaístas que percorrem um tempo de ideias não-lineares<sup>25</sup> e de textos velozes. E o miniconto participa, mesmo de forma indireta, do Manifesto do Digi-Brasil, sendo um dos projetos apresentados em parceria com o site dos artistas gaúchos.<sup>26</sup> Trata-se de

<sup>23</sup> “Eu gostaria de contar, por uma segunda vez, a história da Bela Adormecida. Ela dormia no seu próprio arbusto espinhento. E então, depois de muitos anos, acordou. Mas não foi por um beijo de um príncipe afortunado. O cozinheiro a acordou, ao dar-lhe uma sonora bofetada, que ressoou por todo o palácio, com sua energia encarcerada por tantos anos. (...) Melhor que o autor a desperte, reservando-se a tarefa do mestre cozinheiro. Já é hora para esta bofetada ressoar pelos campos da ciência. Então, despertará também esta pobre verdade, que tendo se espetado numa roca fora-de-moda, indevidamente, pensou que podia fiar-se no arquivo-armadilha de uma toga professoral” (Benjamin apud BUCK-MORSS, 2002, p. 46-47)

<sup>24</sup> Computação em nuvem, ou cloud computing.

<sup>25</sup> Citamos aqui, experiências literárias que são antigas, antes do mundo virtual fragmentado: *Jogo da Amarelinha* (Julio Cortázar), *Avalovara* (Osman Lins), *A vida modo de usar* (Georges Perec), *Paisagem pintada com chá* (Milorad Pávitch) são apenas algumas experiências que transitam na não-linearidade textual.

<sup>26</sup> <http://www.artistasgauchos.com.br/>

uma proposta interessante para ser trabalhada com leitores que voam baixo para alcançar voos mais arriscados.

Se a definição de conto já foi deveras debatida por escritores e teóricos, da *short story* à *micro fiction*, continua a discussão. O que se pode afirmar é que, dentro desse mundo minimalista, as palavras devem ser medidas, contidas, retorcidas, como se fossem sugadas a vácuo para dentro de uma pequena garrafa e, ao ser aberta, o texto explodisse em nosso rosto, assombro no pensamento, ou flor que desabrocha sem avisar. E o miniconto pode ser um ótimo caminho para levar leitores-usuários a tomarem gosto pela palavra escrita.

Uma experiência interessante referente aos minicontos são *os minicontos coloridos*. O leitor é convidado a “participar” (isso parece dar ao leitor algum tipo de autoria sobre o texto) da “criação” (escolhe-se uma porcentagem de cores a serem dadas): 100% de vermelho + 50% de verde + 25% de azul= “Comprou um ramalhete de flores e colocou o revólver dentro. Quando voltou, a mulher já tinha desaparecido”<sup>27</sup>. Leitores compulsivos de livro-papel, descobrimos que é divertido desvendar os minicontos por trás dessa paleta de cores. O miniconto não é ingenuamente jogar uma frase no papel e dizer “criado está”. O miniconto com a força de explosão necessária para atingir o leitor deve ser muito bem elaborado. Picasso<sup>28</sup> só conseguiu desconstruir suas pinturas após saber muito bem como construí-las. O miniconto não pode ser confundido com jargão ou frase de efeito<sup>29</sup>, ditados ou frases de para-choques de caminhão. A estrutura do miniconto parece conter, entre o título e a última palavra, uma história toda que se perdeu<sup>30</sup>, a qual o leitor é convidado a recuperar, escrevendo em uma tela imaginária.

Lydia Davis, escritora norte-americana, vencedora do *The Man Booker International Prize 2013* e autora de uma das epígrafes deste ensaio, é uma das tradutoras de Proust e Flaubert. Proust e seus textos-sem-tempo, e Flaubert como o escritor que sempre buscava a concisão, a frase perfeita. Davis mostra, com seus minicontos e seu histórico como tradutora, que esse mínimo pensamento é consequência de um trabalho árduo, não uma frase jogada no papel. Se uma tradutora de Proust é escritora de minicontos, por que não tentar, através dessas histórias mínimas, fazer com que os leitores velozes gostem da palavra lenta, longa e num tempo que não se perde, mas no qual nos perdemos?

## LEITURAS FANTASMAGÓRICAS: (IN)CONCLUSÕES

*“Olhe, mas não toque”.*

*(Publicidade nas feiras internacionais do século XIX)*

<sup>27</sup> Suely Braga, em <<http://www.literaturadigital.com.br/minicontoscoloridos/>>

<sup>28</sup> <[http://www.picasso.fr/us/picasso\\_page\\_index.php](http://www.picasso.fr/us/picasso_page_index.php)>

<sup>29</sup> Alguns exemplos do que seria (e do que não seria) miniconto: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/concurso-literario/>>

<sup>30</sup> “Vendem-se: sapatos de bebê, sem uso” – Ernest Hemingway.

Como não somos leitores desse mundo virtual e preferimos o tempo perdido proustiano, talvez tenhamos a propensão de querer trazer os leitores da tela para o papel. Mas temos consciência de que talvez cada um siga seu caminho, entrecruzando-se janelas e páginas. Não temos a ilusão de que o livro-papel terá mais adeptos do que a literatura digital ou os e-books. Sabemos que as gerações virtuais vieram para ficar e são muito diferentes, em tempos e leituras. E o que nos preocupa são as leituras fantasmagóricas:

Fantasmagoria. O termo teve origem na Inglaterra em 1802, como nome de uma exibição de ilusões ópticas produzidas por lanternas mágicas. Descreve uma aparência de realidade que engana os sentidos através da manipulação técnica.(...) Benjamin documenta o alastramento de formas fantasmagóricas para o espaço público: as arcadas parisienses de centros comerciais(...) Fantasmagorias são tecnoestéticas (...) O objetivo é a manipulação do sistema sinestético através do controle dos estímulos ambientais. Tem o efeito de anestesiar o organismo, não por entorpecimento, **mas pela inundação dos sentidos** (BUCK-MORSS, 1996. p.27 grifo nosso)

Essa inundação dos sentidos que o mundo virtual proporciona talvez sature os diálogos com o mundo. E o que podemos ler *através* desses leitores? O que se revela nessas leituras e escrituras do mundo virtual?

Os poderosamente protéticos órgãos dos sentidos da tecnologia são o novo ‘ego’ de um sistema sinestético modificado. Agora são *elas* a proporcionar a superfície porosa entre o dentro e o fora, simultaneamente órgão perceptual e mecanismo de defesa. A tecnologia como instrumento e arma estende o poder humano – ao mesmo tempo intensificando a vulnerabilidade do que Benjamin chama de ‘o minúsculo, frágil corpo humano’ – e deste modo produz uma contra-necessidade, a de usar a tecnologia como um escudo protetor contra a ‘ordem mais fria’ que ela cria. Jünger escreve que os uniformes militares sempre tiveram um ‘cunho [protetor] de defesa’; agora contudo, ‘A tecnologia é o nosso uniforme’ (BUCK-MORSS, 1996, p. 35)

O *estar sempre conectado* seria sinônimo de estar sempre em outro lugar que não aqui? A diferença entre uma leitura nos moldes “antigos” e uma leitura virtual talvez perpassa a experiência do tempo e do espaço. A falta de silêncio para aprofundar pensamentos e silenciar o exterior: a leitura do livro necessita dessa solidão. Experimente pegar um dos tomos de “Em busca do tempo perdido” e tente lê-lo no meio da multidão murmurante de algum ambiente mais sociável. Quase inviável. Há leituras que exigem de nós isolamento e recolhimento, mesmo para aqueles com alto poder de concentração, leitores amadores-amantes. Proust, em seu ato de ler, diferencia o livro do amigo:

(...) a diferença essencial entre um livro e um amigo, não é a sua maior ou menor sabedoria, mas a maneira pela qual a gente se comunica com eles, a leitura, ao contrário da conversação, consistindo para cada um de nós em receber a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar do poder intelectual que se tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente, continuando a poder ser inspirado, a permanecer em pleno trabalho fecundo do espírito sobre si mesmo (PROUST, 2003, p. 27)

E essa relação aprofundada, o estar consigo mesmo, beira a pureza rebelde, palavra incivilizada, posto que silenciosa:

Na leitura, a amizade é de repente levada à sua pureza primitiva. Com os livros, não há amabilidade (...) A atmosfera dessa amizade pura é o silêncio, mais puro que a palavra. Porque falamos para os outros, mas nos calamos para nós mesmos (PROUST, 2003, p. 42-43)

O silêncio proustiano talvez não seja possível nos ambientes virtuais. Llosa lembra que a troca dos livros de papel pelos eletrônicos não é apenas de

envoltório, mas também de conteúdo. Não tenho como demonstrá-lo, mas desconfio que, quando os escritores escreverem literatura virtual, não escreverão da mesma maneira que vieram escrevendo até agora, pensando na materialização de seus escritos nesse objeto concreto, tátil e durável que é (ou nos parece ser) o livro. Algo da imaterialidade do livro eletrônico contagiará seu conteúdo, como ocorre com essa literatura canhestra, sem ordem nem sintaxe, feita de apócopies e gíria, às vezes indecifrável, que domina no mundo de blogs, twitter, facebook e outros sistemas de comunicação através da rede, como se seus autores, ao usarem esse simulacro que é a ordem digital para se expressar, se sentissem libertos de qualquer exigência formal e autorizados a atropelar a gramática, o bom senso e os princípios mais elementares da correção linguística. (LLOSA, 2013, posição 2399-2405, 89-90%)

Mudam os leitores e os escritores. Os eletrônicos sempre ligados, as pessoas sempre conectadas, não seria um indício de que, em lugar de terem muito a dizer, essas pessoas não conseguem mais ficar confortáveis consigo mesmas, em seus próprios pensamentos e silêncios? As pessoas desaprenderam o diálogo: ninguém ouve o outro. Talvez por não saberem ouvir a si próprios. O livro, a leitura em seu ato extremo de entrega nos lança através das páginas a um espaço onde estamos sós. E é nesse deserto que nos perdemos. E nos encontramos. “Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos” (PROUST, 2003, p. 30). Ou papel e tela são nossos escapes de uma realidade que não nos satisfaz?

Tanto mais agradáveis foram meus passeios naquele outono porque os dava depois de ter passado muitas horas com um livro. Quando me cansava de ler toda a manhã na sala, lançava o *plaid* aos ombros e saía: meu corpo, obrigado por muito tempo a conservar-se imóvel, mas que se fora carregando de animação e velocidade acumuladas, precisava logo, como um pião que se solta, despendê-las em todas as direções. Os muros das casas, a sebe de Tansonville, as árvores do bosque de Roussainville, os matagais, recebiam golpes de guarda-chuva ou de bengala, ouviam gritos alegres, que não passavam, uns e outros, de ideias confusas que me exaltavam e ainda não haviam alcançado o repouso da plena claridade, preferindo, a um lento e penoso esclarecimento, o prazer de uma derivação mais fácil para um escape imediato. (PROUST, 1960, p. 134)

Independentemente do que pensam as pessoas, se otimistas<sup>31</sup>, se reservadas<sup>32</sup>, acreditamos que há dois desafios nessa realidade e nessa virtualidade a serem propostos: os leitores convencionais - acostumados ao papel, as capas e as texturas - passeando pelos ambientes distantes das telas, abrindo janelas e, com sua experiência de tempo vagaroso, olhando o que se passa nesse outro mundo, em janelas interessantes para se debruçar; e os leitores virtuais fechando suas janelas, desligando e desconectando seus computadores, iPads ou tablets, e procurando na estante alguma capa antiga que o tempo tenha corroído, e prestando atenção em seus silêncios: mais próximos de si mesmos. Ao escritor dessa nova era, o desafio de não se deixar ficar apenas em janelas a navegar indefinidamente por páginas e mais páginas atualizadas e curtidas constantemente. Isso aperfeiçoa o ego, não a escrita. O escritor deve exigir do leitor um passo além, uma experiência mais sensorial, de entrega e inteligência. Não uma inteligência artificial, mas uma que vincule leitura e memória, sentidos e palavra. Minicontos que poderiam ser:

- **Escritor.** *Do título ao ponto final, o abismo.*
- **Leitor.** *O silêncio do voo. E da queda.*

## REFERÊNCIAS

ARTISTAS GAÚCHOS. Disponível em <<http://www.artistasgauchos.com.br/>> Acesso em 04 jan. 2014.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_: *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Haxixe*. Trad. Flávio de Menezes e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em <[http://www.bn.br/portal/index.jsp?nu\\_pagina=113](http://www.bn.br/portal/index.jsp?nu_pagina=113)> Acesso em: 02 jan. 2014.

BIBLIOTECAS NACIONAIS DO MUNDO. Disponível em <<http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/ligacoes/sitios-de-interesse1/bibliotecas/bibliotecas-nacionais-do-mundo>> Acesso em: 02 jan. 2014.

BRAGA, Suely. Disponível em <<http://www.literaturadigital.com.br/minicontoscolordos/>> Acesso em: 04 de jan. 2014.

BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestésica: o “Ensaio sobre a obra de arte” de Walter Benjamin reconsiderado. *Revista Travessia*. n. 33. Florianópolis: UFSC, 1996.p. 11-41

<sup>31</sup> <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/livro-leitura-e-era-digital/>>

<sup>32</sup> “(...) às preocupações de Benjamin no final do Ensaio sobre a obra de arte: a crise da experiência cognitiva causada pela alienação dos sentidos, que torna possível à humanidade visionar a sua própria destruição prazerosamente” (BUCK-MORSS, 1996, p.37).

\_\_\_\_\_. *A tela do cinema como prótese da percepção*. Trad. Ana Luiza Andrade. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2009.

\_\_\_\_\_. *Dialética do olhar – Walter Benjamin e o projeto das passagens*. Trad. Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó/SC: Editora Argos, 2002.

DAVIS, Lydia. *Tipos de perturbação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Eletronic Literature Organization (ELO). Disponível em <<http://eliterature.org/>> Acesso em: 04 jan. 2014.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Livro, leitura e era digital. Disponível em <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/livro-leitura-e-era-digital/>> Acesso em: 04 jan. 2014.

LITERATURA DIGITAL. Disponível em <<http://www.literaturadigital.com.br/>> Acesso em: 01 jan. 2014.

LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo* [recurso eletrônico]: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Trad. Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MUSEUS. Disponível em <<http://www.that.com.br/pn/museus.htm>> Acesso em: 02 jan.2014.

OBRAS RARAS. Disponível em <<http://www.obrasraras.usp.br/>> Acesso em 02 jan. 2014.

PARIS. Disponível em <<http://www.paris.fr/>> Acesso em: 02 de jan. 2014.

PABLO PICASSO. Disponível em <[http://www.picasso.fr/us/picasso\\_page\\_index.php](http://www.picasso.fr/us/picasso_page_index.php)> Acesso em: 04 jan. 2014.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 36, agosto de 2008.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. No caminho de Swann. In: *Em busca do tempo perdido*. Trad. Mário Quintana. Porto Alegre: Globo, 1960.

REVISTA PIAUÍ. Disponível em <<http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/concurso-literario>> Acesso em 10 jan. 2014.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

TORRES, Rui. Poema em movimento. Disponível em: <[http://collection.eliterature.org/2/works/torres\\_poemas\\_no\\_meio/caminho1.html](http://collection.eliterature.org/2/works/torres_poemas_no_meio/caminho1.html)> Acesso em: 02 jan. 2014.